

LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA E DISCURSOS: O CONCEITO DE FAMÍLIA NOS DICIONÁRIOS ESCOLARES INFANTIS

Geraldo José Rodrigues Liska

Jeander Cristian da Silva

Raquel Oliveira Reis

Resumo: Considerando a importância do dicionário como valor de referência quando há dúvidas em relação ao sentido ou à escrita de uma palavra, seja em qualquer lugar, para qualquer segmento social ou profissional e independente de faixa etária, preocupamo-nos com tratamento dado ao conceito de ‘família’ nas obras lexicográficas para o público infantil. Tomamos neste artigo, como base, a Lexicografia Pedagógica (ZGUSTA, 1971; SECO, 1987; PONTES, 2000; LANDAU, 2001; KRIEGER, 2007; GARCIA, 2006 e ZAVAGLIA; NADIN, 2019) e a Lexicologia Discursiva (ORLANDI, 2000). Analisamos oito dicionários infantis, de 1989 a 2011, incluindo alguns listados no PNLD Dicionários (BRASIL, 2012). Percebemos que a análise discursiva das definições dos nomes de família, apresentadas pelas obras lexicográficas utilizadas como fonte para esta pesquisa, revela uma visão de mundo que acaba reforçando um modelo de família tradicional, formado pelo núcleo familiar (pai, mãe e filhos biológicos) ou por pessoas que compartilham algum grau de parentesco e que vivem sob o mesmo teto. Dessa forma, os dicionários acabam excluindo outros modelos de família, tais como as homoparentais, monoparentais, adotivas, heteronormativas sem filhos etc.

Palavras-chave: Dicionários. Léxico. Lexicografia Pedagógica. Lexicografia Discursiva. Família.

Abstract: Considering the importance of the dictionary as a reference value when there are doubts regarding the meaning or writing of a word, whether anywhere, for any social or professional place and regardless of range, we are concerned with the treatment of the concept of ‘family’ in lexicographical works for children. In this article, we base ourselves on Pedagogical Lexicography (ZGUSTA, 1971; SECO, 1987; PONTES, 2000; LANDAU, 2001; KRIEGER, 2007; GARCIA, 2006 and ZAVAGLIA; NADIN, 2019) and Discursive Lexicology (ORLANDI, 2000).

We analyzed eight children's dictionaries, from 1989 to 2011, including some listed in the National Textbook Program - Dictionaries (PNLD) (BRASIL, 2012). We realize that the discursive analysis of the definitions of family names, presented by the lexicographical works used as a source for this research, reveals a world view that ends up reinforcing a traditional family model, formed by the family nucleus (father, mother and biological children) or by people who share some degree of kinship or who live under the same roof. In this way, dictionaries end up excluding other family models, such as homoparental, single parent, adoptive, heteronormative without children, etc.

Keywords: Dictionaries. Lexicon. Pedagogical Lexicography. Discursive Lexicography. Family.

Introdução

O dicionário é uma obra destinada à consulta das palavras de uma determinada língua, sendo um importante instrumento metalinguístico que legitima as palavras que fazem parte do léxico de uma sociedade. Segundo Pontes e Santiago (2009), de modo geral, os dicionários são organizados por ordem alfabética e dão informações gramaticais, semânticas e pragmáticas, além dos conhecimentos culturais da sociedade em que ele está inserido.

No fazer dicionarístico, isto é, no trabalho do lexicógrafo, há um intermédio entre cultura e sociedade, permeada de ideologias tanto na formação do próprio elaborador da obra, quanto nos impactos sociais no comportamento e nos valores. Por causa disso, a visão ideológica do lexicógrafo desaparece aos olhos de um consulente comum,

e a definição dos verbetes parece virar força de lei, quando, por exemplo, o dicionário serve como consulta. São obras que gozam de respeito social ao assumir o papel de código normativo da língua, como afirma Biderman (2003), ao dizer que o dicionário descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua - a língua culta e escrita, convalidando e promovendo a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade. Em função disso, assume valor de referência quando há dúvidas em relação ao sentido ou escrita de uma palavra, seja em qualquer lugar, para qualquer segmento social ou profissional e independente de faixa etária.

Além dessa visão comum de consulentes, preocupamo-nos, conscientemente, com a seleção do corpus e a conceituação de determinadas lexias, com seus exemplos, a fim de relevar essas ideologias por trás das obras lexicográficas. No entanto, como escolhemos trabalhar com dicionários infantis, é interessante trazermos também conceitos de lexicografia pedagógica. Nossa intenção, ao trabalharmos com esse público, é motivada por ser um grupo que começa seus primeiros contatos com a leitura e o mundo dos sentidos. Logo, é essencial observar como os conceitos aprendidos no dicionário podem interferir na visão de mundo das crianças.

É importante mencionar que, na Base Nacional Comum Curricular, documento normativo mais recente que reúne as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica, os conteúdos dos componentes curriculares devem sempre ser contextualizados, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, “com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas” (BRASL, 2017, p. 16). Com isso, tornam-se competências gerais da BNCC valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida. Desde a Educação Infantil, o documento defende o exercício da empatia, do diálogo, da resolução de conflitos e da cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. Logo, uma definição de ‘família’ e demais componentes desse grupo lexical visa a atender às orientações da Base, permitindo uma visão sem estereótipos e proporcionando liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Tendo em vista essas considerações iniciais, o presente trabalho objetiva analisar oito dicionários infantis desde 1989 (incluindo alguns constantes no Programa Nacional do Livro Didático – PNLD Dicionários, de 2012) sobre o conceito de família utilizado e definição de algumas palavras que fazem parte desse conceito, como ‘pai’, ‘mãe’ e ‘irmão’, à luz da Lexicografia Pedagógica (ZGUSTA, 1971; SECO, 1987; PONTES, 2000; LANDAU, 2001; KRIEGER, 2007; GARCIA, 2006 e ZAVAGLIA; NADIN, 2019) e da Lexicologia Discursiva (ORLANDI, 2000). As obras utilizadas foram: Dicionário Aurélio Infantil da Língua Portuguesa Ilustrado (1989); Dicionário Júnior da Língua portuguesa (1ª e 4ª edição) (1996); Dicionário da Turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo (2003); Meu Primeiro Livro de Palavras: Um dicionário ilustrado de A a Z (2005); Palavrinha Viva: Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa (2008); Aurelinho: Dicionário Infantil Ilustrado da Língua Portuguesa (2008); Meu Primeiro Dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó (2009); Dicionário Júnior da Língua portuguesa (4ª edição) (2011). Nas próximas seções, abordaremos melhor os tipos de dicionários do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e alguns pressupostos sobre lexicografia pedagógica e discursiva. Em seguida, o conceito de família nos aspectos sociais e a apresentação do corpus juntamente da análise dos verbetes. Por fim, temos

uma proposta lexicográfica com a intenção de abranger os direitos humanos e a diversidade.

Veremos, então, nas próximas seções, quais são os tipos de dicionários escolares e o que são a macro e microestrutura dessas obras.

Referencial teórico

Como os dicionários são obras de referência, não há necessidade de que a leitura seja total, já que as palavras estão organizadas alfabeticamente e após cada entrada está o sentido. Ainda assim, quando dizemos que a leitura não precisa ser realizada na totalidade, não excluimos a necessidade de o consulente conhecer o *Front Matter*, normalmente localizado nas primeiras páginas, que reúne informações importantes para o entendimento da macro e microestrutura da obra, como usuário almejado, função, seleção do conjunto de dados e como eles serão apresentados (sinais gráficos, setas etc.) (BORBA; BUGUEÑO MIRANDA, 2012). Do mesmo modo ocorre com o objeto de estudo deste trabalho: o dicionário escolar.

Nesta seção, discorreremos a respeito da Lexicografia Pedagógica (2.2.1), da tipologia dos dicionários pedagógicos (2.2.2), da macro e microestrutura de um dicionário (2.2.3) e da lexicografia discursiva (2.2.4). Por fim, além dos aspectos

técnicos e científicos sobre os dicionários, apresentamos uma breve reflexão sobre o conceito de família ao longo da história e sua relação com os direitos fundamentais e humanos (2.2.5).

A Lexicografia Pedagógica

Como subárea da Lexicografia, a Lexicografia Pedagógica dedica-se à investigação dos dicionários com função pedagógica, ou seja, daqueles direcionados ao ensino de língua materna ou segunda língua. Esse estudo se consolidou, mais fortemente, a partir da política educacional do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) de inserção das obras lexicográficas no âmbito da escola básica. Dessa forma, o entendimento acerca dos processos de produção, estudo e avaliação desses dicionários começou a se tornar relevante para o ensino de língua.

Outro impulso para a consolidação da Lexicografia Pedagógica como área do conhecimento foi a percepção de que o dicionário utilizado por um aprendiz de língua não deveria ser o mesmo que já era utilizado por um nativo da língua. (GARCIA, 2006 *apud* ZAVAGLIA; NADIN, 2019). A função didática dos dicionários pedagógicos deve levar em conta o fim a que se destina: o uso na sala de aula, tanto por parte do aluno quanto do professor, que é o mediador do processo de ensino-aprendizagem.

Em função do público-alvo, que são os estudantes da educação básica, a definição dos verbetes desse tipo de dicionário deveria sempre ter uma linguagem acessível a esses consulentes. Nesse aspecto, cabe lembrar que a definição lexicográfica é uma grande questão, ainda em discussão, dentro da Lexicografia:

[...] a definição lexicográfica não propõe – ou não deve propor - a imagem “completa” do objeto, mas a imagem “suficiente”, isto é, aquela construída por meio dos especificadores necessários para que o objeto permaneça, na mente do leitor comum, caracterizado em suas características relevantes e diferenciadas em relação a todos os demais objetos que fazem parte do mundo desse leitor comum. (SECO, 1987, p.32, tradução nossa)

Tendo isso em vista, abrimos o seguinte questionamento: como podemos determinar se um dado dicionário pedagógico estaria utilizando especificadores condizentes com a realidade do público a que se destina? Em outras palavras, como mensurar se ele estaria contribuindo com a construção de uma “imagem definitiva” acessível aos seus consulentes?

De acordo com Seco (1987), no processo de elaboração das definições dos verbetes lexicográficos, o dicionarista deve agrupar os traços semânticos mais importantes que

definam uma unidade lexical e que a diferenciam de outras unidades. A grande questão é que a suficiência desses traços pode ser diferente de indivíduo para indivíduo, uma vez que o consulente pode desejar uma informação semântica ou científica (enciclopédica) sobre determinado item lexical.

Segundo Landau (2001), a definição de um dicionário escolar deve ter uma linguagem acessível, com vocabulário preferencialmente simples, que seja frequentemente utilizado por esse público. Zgusta (1971) lembra da importância de dois fatores: (1) não utilizar, nas definições, unidades lexicais que sejam mais difíceis de explicar do que o próprio verbete em questão; e (2) todas as unidades utilizadas na definição devem ter entradas na própria obra lexicográfica, ou seja, devem ter suas definições no próprio dicionário.

Tanto dentro quanto fora da sala de aula, o dicionário é uma ferramenta importante para a aquisição lexical e competência comunicativa, englobando todas as áreas do conhecimento. Isso significa que seu uso não deve se limitar às aulas de português, no caso do contexto escolar em que é usado.

Assim, devem os autores de obras lexicográficas escolares se preocupar com um conjunto de traços que as distingue dos demais dicionários, de modo a se tornarem acessíveis

aos alunos quanto as especificidades didáticas e linguísticas. Essas obras precisam abarcar definições presentes nas diversas áreas do conhecimento humano que fazem parte do conteúdo escolar.

A Lexicografia discursiva

Segundo Orlandi (2000), a lexicografia discursiva vê, nos dicionários, discursos. Geralmente, quando analisamos o dicionário e sua relação com a representação da língua, estamos menos interessados no autor e mais no fato de que o dicionário é um instrumento responsável pela construção da memória social, demarcando, assim, a relação da ciência com o Estado.

A autora explica que a pesquisa lexicográfica põe em contato a língua, a ciência, a sociedade e a história; sendo o dicionário um constitutivo na formação social. Dessa forma, compreendemos melhor que o dicionário faz parte da nossa relação com a língua, quando valorizamos o seu conhecimento histórico, e não somente a sua função normatizadora.

Sendo o dicionário um instrumento de memória social e construído por seres históricos sociais, afetados pela ideologia, quando o analisamos sob ótica da lexicografia discursiva, podemos ver as ideologias presentes em cada obra. Por ser um dos maiores detentores do saber

metalinguístico, o dicionário nos dá a ilusão de ser um gênero neutro e que abrange toda a nossa língua de forma imparcial; no entanto, segundo Orlandi (2000), a ideologia do dicionário é justamente não se marcar ideologicamente. A autora ressalta que não existe palavra neutra, e o próprio ato de tentar apagar as ideologias torna-se um ato ideológico.

Em resumo, podemos dizer que a lexicografia discursiva toma o dicionário como discurso; concentrando-se, dessa forma, nas relações intertextuais e interdiscursivas na produção do efeito da completude e considera o funcionamento do dicionário na relação do sujeito com a língua, incluindo a sua relação com a memória discursiva. Completude é o processo pelo qual o dicionário, ao representar a língua, a provê de uma realidade. “O dicionário assegura, em nosso imaginário, a unidade da língua e sua representabilidade: supõe-se que o dicionário contenha (todas) as palavras da língua” (ORLANDI, 2000, p. 98). A completude nos dicionários, em relação aos sentidos, se representa: (1) pela remissão de um verbete e outros verbetes em circuito fechado, e pela menção a autores da língua, sob o modo de exemplos; (intertextualidade); (2) pela maneira como fazem intervir a memória discursiva. (interdiscurso); e (3) a pontuação:

fato linguístico que será analisado como parte da construção desse efeito de completude.

A partir dessas considerações, podemos abrir o seguinte questionamento em relação aos objetivos da nossa pesquisa: ao representar a língua, o dicionário a provê de uma realidade; mas, quando essa realidade muda, o dicionário acompanha essa mudança?

Antes de procedermos à análise dos dados da nossa pesquisa, faremos uma breve contextualização sobre a representação de família que prevalece em nossa sociedade.

Uma reflexão sobre o conceito de família

Segundo Arán (2003), a família nuclear formada pelo pai, mãe e filhos, vivendo juntos e obedecendo a divisão de papéis masculinos e femininos, é um fenômeno recente na história da humanidade, que se deu após as transformações provocadas pela industrialização, na segunda metade do século XVIII, na Inglaterra. Para o autor, esse formato de família é resultado da necessidade de um espaço privado separado do espaço público e, desde então, o papel da família era o de assegurar a ordem social da burguesia, assim como promover a formação das crianças em cidadãos e trabalhadores. O modelo nuclear heteronormativo foi a matriz de identidade na constituição dos sujeitos.

No Brasil, de acordo com Samara (2002), a economia da Colônia estava concentrada na região Nordeste, nas plantações de cana. As famílias mais ricas viviam em mansões e tinham dependentes e escravos. Os papéis eram bem definidos entre os sexos, sendo o do marido o poder de decisão e o papel de provedor da casa, e, o da esposa, o papel de governar a casa e assistir moralmente à família. O modelo de família predominante era, portanto, o patriarcal.

Ainda segundo a autora, começaram a ocorrer mudanças econômicas que alteraram o modelo de sociedade, como a descoberta das minas de ouro, que deslocaram o eixo econômico, antes concentrado no Nordeste, para a região Sul. A partir daí, por mais que a Igreja e a Coroa Portuguesa tentassem controlar, a sociedade que se formava era composta por celibatários, concubinatos e uniões ilegítimas, além das mulheres economicamente ativas e solteiras que criavam seus filhos e chefiavam suas famílias.

O primeiro Censo Geral do Brasil, realizado ainda em 1872, aponta que 30% das mulheres, principalmente as com idade entre 39 e 59 anos, eram chefes de suas famílias (SAMARA, 2002) e, embora a maioria dos chefes de domicílio (os homens) ainda fossem a maioria, essa estatística é interessante para observarmos as mudanças nos tipos de família do Brasil.

No tópico seguinte, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa.

Metodologia

O objetivo deste trabalho é analisar as definições dos itens lexicais *família*, *mãe*, *pai* e *irmão* encontradas em obras lexicográficas destinadas ao público infantil. A análise proposta surge da necessidade de questionamento sobre quais famílias estão sendo representadas nos dicionários destinados ao público infantil. Reconhecemos que esse público se encontra em processo de formação cidadã e, portanto, formará opiniões pautadas nas informações que estão dispostas no mundo contemporâneo em que se encontram.

Uma das habilidades citadas pela BNCC para a Educação Infantil é “demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir” (BRASIL, 2017, p. 45). Assim sendo, esse documento enfatiza o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, com vistas ao reconhecimento e compreensão de modos distintos de ser e estar no mundo e de valorização e respeito ao que é “diferente”.

No componente curricular de História para os anos finais do Ensino Fundamental, esse mesmo documento defende

que é importante discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas. E, no que concerne à temática da família, a própria Base orienta que as escolas precisam conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade (BRASIL, 2017, p. 37).

Para proceder a esta análise, estamos tomando como base a Lexicografia Pedagógica (ZGUSTA, 1971; SECO, 1987; PONTES, 2000; LANDAU, 2001; KRIEGER, 2007; GARCIA, 2006 e ZAVAGLIA; NADIN, 2019) e a Lexicologia Discursiva (ORLANDI, 2000). Dispomos, no quadro 1, a seguir, em ordem cronológica, as obras lexicográficas utilizadas para a análise:

Quadro 1 - Relação das obras lexicográficas utilizadas para a análise

Autor / Ano:	Obra:
Ferreira (1989)	Dicionário Aurélio Infantil da Língua Portuguesa Ilustrado
Mattos (1996)	Dicionário Júnior da Língua portuguesa (1ª e 4ª edição)
Mesquita; Lobato e Sandroni (2003)	Dicionário da Turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo
Biderman e Carvalho (2005)	Meu Primeiro Livro de Palavras: Um dicionário ilustrado de A a Z.

Borba (2008)	Palavrinha Viva: Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa
Ferreira (2008)	Aurelino: Dicionário Infantil Ilustrado da Língua Portuguesa
Aulete (2009)	Meu Primeiro Dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó
Mattos (2011)	Dicionário Júnior da Língua portuguesa (4ª edição)

Fonte: elaborado pelos autores.

Cabe ressaltar que, ao longo da nossa análise, os dicionários serão apresentados em ordem cronológica; dessa forma, conseguimos acompanhar as mudanças semânticas e culturais dos nomes de família analisados.

Escolhemos aleatoriamente as obras lexicográficas, incluindo aquelas que também não compuseram a edição do PNLD Dicionários, desde que em sua proposta o público-alvo fosse as crianças. A justificativa da escolha aleatória é entender que qualquer obra listada no manual do programa apenas estaria ali discriminada se atendesse aos requisitos do edital para as editoras. Além disso, os demais dicionários foram de aquisição própria do pesquisador.

Destacamos ainda que, dentre as obras lexicográficas escolhidas para a nossa análise, duas são casos de reedições — o *Aurelino: Dicionário Infantil Ilustrado da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2008) é uma reedição do *Dicionário*

Aurélio Infantil da Língua Portuguesa Ilustrado (FERREIRA, 1989) e o *Dicionário Júnior da Língua portuguesa* (MATTOS, 2011) é a 4ª edição do dicionário de mesmo nome, publicado em 1996 pelo mesmo autor — o que nos permite, também, fazer uma análise da evolução semântica dos itens lexicais analisados, considerando o intervalo de tempo das edições.

Para a análise dos dados, optamos por apresentar apenas as acepções voltadas para o campo semântico ‘familiar’. Dessa forma, estamos excluindo de Ferreira (1989), por exemplo, a acepção (3) de *família* registrada como “reunião de gêneros semelhantes entre os animais e os vegetais”. Veja, a seguir, as acepções que esse autor dá ao verbete *família*:

Quadro 2 – Exemplo de verbete

Obra lexicográfica	Definição do verbete família
Ferreira (1989)	(1) Pessoas que são parentes e que vivem, em geral, na mesma casa, em particular, o pai, a mãe e os filhos. Ex.: A <i>família</i> de Carlos é pequena; tem apenas o pai, a mãe e um irmão. (2) Pessoas do mesmo sangue, do mesmo tronco. Ex.: A <i>família</i> Silva tem mais de 100 pessoas. (3) Reunião de gêneros semelhantes entre os animais ou vegetais.

Fonte: elaborado pelos autores.

O mesmo pode ser dito a respeito das outras unidades lexicais analisadas nesta pesquisa (*mãe*, *pai* e *irmão*). Excluímos algumas acepções de *mãe*; registradas mormente por esses dicionários, que fazem referência à fêmea de um animal que tem filhotes ou à “causa ou origem de alguma coisa. Ex.: *A preguiça é a mãe de todos os vícios*” (MATTOS, 1996 e 2011, grifo nosso); por não estarem relacionadas ao campo semântico “familiar”.

No que concerne ao verbete *pai*, excluímos a acepção de Biderman e Carvalho (2005) que se refere à figura de Deus – “na religião cristã, *pai* é o próprio Deus. *Deus é o nosso pai e quer nos ver felizes*” –; além de outras acepções, que associam a figura do pai ao “criador ou fundador de algo” (ex.: *Santos Dumont é o pai da aviação*) (MATTOS, 1996 e 2011; BORBA, 2008) e a “alguém que protege e/ou ajuda outras pessoas” – “pessoa que ajuda ou favorece, protetor: *Diziam que Getúlio era o pai dos pobres*” (BORBA, 2008, grifo nosso).

Para o verbete *irmão*, as acepções não contempladas em nossa análise referem-se ao campo semântico “religioso”, sendo sinônimo de *frade* – “membro de ordem ou congregação religiosa que não é padre” (MATTOS, 1996 e 2011, grifo nosso) e “frade; religioso: *No mosteiro, os irmãos acordam muito cedo*” (BORBA, 2008) – e uma acepção de

irmão como alguém ou algo “que está nas mesmas condições; amigo. Ex.: *Haverá reunião entre os países irmãos da América do Sul*” (BORBA, 2008, grifo nosso).

Sobre a estrutura dos enunciados definitórios, o Aulete (2009) é a única obra que, de acordo com o PNLD (2012), apresenta definições oracionais curtas, com uma linguagem simples e interativa. Esse último aspecto se explica, principalmente, pela presença de marcas linguísticas que denotam certa proximidade com o consulente, como a frequência do pronome de 2ª pessoa (*você*) e das marcas possessivas de 2ª pessoa (em *sua família, sua casa, seus pais, seus irmãos*), como pode ser observado na definição do verbete *família*, a seguir:

- (1) A família da gente é formada por pai, mãe e irmãos. Na família pode ter também os avós, os tios e os primos. (2) A *sua família* é também o grupo das pessoas que vivem na *sua casa* junto com *você*: os *seus pais* ou outros adultos que cuidam de *você*, e *seus irmãos* ou outras crianças e adolescentes.

Cabe lembrar que, de acordo com o “PNLD 2012-Dicionários”, os dicionários do tipo 1 e 2 “devem ter verbetes de estrutura simples, com um pequeno número de acepções, quase sempre em linguagem informal e acessível,

acompanhada de exemplos de uso” (BRASIL, 2012, p. 19). Esses dicionários têm o objetivo de introduzir e familiarizar as crianças ao gênero lexicográfico e, portanto, deveriam ser, em sua maioria, compostos de definições oracionais que, diferente das definições clássicas e analíticas, usam linguagem mais simples, coloquial e interativa, que favorece o processo de ensino e aprendizagem.

Passaremos, na seção subsequente, à análise dos dados da nossa pesquisa

Análise dos dados

Apresentamos, a seguir, a análise das definições dos verbetes *família*, *mãe*, *pai* e *irmão*, encontradas nos dicionários infantis selecionados para esta pesquisa.

O conceito de *família*

De modo geral, observamos que, na maioria das obras lexicográficas, a relação hiperonímica entre *parente* e *família* acaba gerando um sistema de remissões, fazendo com que o consulente recorra ao verbete do primeiro item lexical para entender algumas das acepções apresentadas pelo segundo. Isso pode ser observado em Biderman e Carvalho (2005), Ferreira (1989 e 2008), Mattos (1996) e Mesquita, Lobato e Sandroni (2003). Borba (2008) utiliza o termo *parentesco*.

Relacionamos as definições desses dicionaristas, a seguir, e apresentamos as definições dos termos *parente* e *parentesco* em notas de rodapé:

Quadro 3: Aceções do verbete *família*

Dicionário:	Aceções:
Ferreira (1989)	(1) Pessoas que são parentes e que vivem, em geral, na mesma casa, em particular, o pai, a mãe e os filhos. Ex.: <i>A <u>família</u> de Carlos é pequena; tem apenas o pai, a mãe e um irmão.</i> (2) Pessoas do mesmo sangue, do mesmo tronco. Ex.: <i>A <u>família</u> Silva tem mais de 100 pessoas.</i>
Mattos (1996)	(1) Conjunto de pai, mãe e filhos. (2) Conjunto de pessoas que são parentes entre si.
MESQUITA, LOBATO e SANDRONI (2003)	(1) Grupo de pessoas que vivem na mesma casa, em geral parentes ¹ , especialmente o pai, a mãe e os filhos. (2) Grupo de pessoas do mesmo sangue, que têm o mesmo antepassado.
Biderman e Carvalho (2005)	(1) Família é o núcleo formado por pais e filhos ou por parentes ² . Ex.: <i>A <u>família</u> se reuniu para comemorar a Páscoa.</i> *família: familiar
Borba (2008)	(1) Grupo de pessoas que têm parentesco ³ . Ex.: <i>Há três gerações da <u>família</u> na foto.</i> (2) Grupo de pessoas que é composto por pai e/ou mãe e filhos. Ex.: <i>Crianças podem ajudar suas <u>famílias</u>.</i>

1 “pessoa que pertence à mesma família que outra: pai, mãe, irmãos, tios, primos, avós, etc.”

2 “Cada uma das pessoas que pertencem à mesma família”. Observe que esta definição acaba gerando um sistema de remissivas que não colabora para uma definição precisa e eficaz para o consultente.

3 “qualidade de parente”. Segundo o mesmo dicionário, parente é a “pessoa que, em relação a outras, pertence à mesma família”.

Ferreira (2008)	<p>(1) Pessoas que são parentes⁴ e que vivem, em geral, na mesma casa, em particular, o pai, a mãe e os filhos. Ex.: A <i>família de Carlos é pequena; tem apenas o pai, a mãe e um irmão.</i></p> <p>(2) Pessoas do mesmo sangue: A <i>família Silva tem mais de 100 pessoas.</i></p>
Mattos (2011)	<p>(1) Conjunto de pai, mãe e filhos ligados pelo sangue comum, <i>família elementar</i> – Ex.: <i>Meus pais e eu somos uma família feliz.</i></p> <p>(2) Conjunto de pessoas que se ligam pelo sangue comum ou pelo casamento, <i>família extensa</i> – <i>Tios e primos pertencem à mesma família. / Quem se casa passa a pertencer a duas famílias.</i></p>
Aulete (2009)	<p>(1) A família da gente é formada por pai, mãe e irmãos. Na família pode ter também os avós, os tios e os primos.</p> <p>(2) A sua família é também o grupo das pessoas que vivem na sua casa junto com você: os seus pais ou outros adultos que cuidam de você, e seus irmãos ou outras crianças e adolescentes.</p>

Fonte: elaborado pelos autores.

A análise discursiva das definições mostra que a visão de mundo apresentada por essas obras lexicográficas acaba reforçando um modelo de família tradicional, formado pelo núcleo familiar (pai, mãe e filhos biológicos) ou por pessoas que compartilham algum grau de parentesco. Dessa forma, os dicionários acabam excluindo outros modelos de família (tais como as homoparentais, monoparentais, adotivas, ou heteronormativas sem filhos). Isso é perceptível, sobretudo, nas seguintes definições:

4 “pessoa que pertence à mesma família que outra: pai, mãe, irmãos, tios, primos, avós, etc”

(1) “Conjunto de *pai, mãe e filhos*” / “Conjunto de pessoas que são parentes entre si” (MATTOS, 1996, grifo nosso)

(2) “núcleo formado por *pais e filhos* ou por *parentes*.” (BIDERMAN; CARVALHO, 2005, grifo nosso)

(3) “Grupo de *pessoas que têm parentesco*” / “Grupo de pessoas que é composto por *pai e/ ou mãe e filhos*” (BORBA, 2008, grifo nosso).

(4) A família da gente é formada por *pai, mãe e irmãs*. Na família pode ter também os *avós os tios e os primos*” (AULETE, 2009, grifo nosso).

Alguns dicionários elucidam, claramente, o conceito biológico de família, quando destacam que os membros de um grupo familiar são pessoas do mesmo grupo sanguíneo. Isso pode ser visto, principalmente, nos exemplos (5) e (6), a seguir:

(5) Pessoas do *mesmo sangue*, do mesmo tronco (FERREIRA, 1989, grifo nosso).

(6) Grupo de pessoas do *mesmo sangue*, que têm o mesmo antepassado (MESQUITA; LOBATO; SANDRONI, 2005, grifo nosso).

Dessa forma, tais dicionários acabam excluindo as famílias adotivas.

Observamos que Mesquita, Lobato e Sandroni (2003), na acepção (1), “grupo de pessoas que *vivem na mesma casa*, em geral parentes, especialmente o pai, a mãe e os filhos”, acabam, ainda, restringindo o conceito de família a um grupo de pessoas que compartilham o mesmo espaço físico; desconsiderando, pois, algumas situações familiares típicas como, por exemplo: a de (1) filhos que não moram na mesma casa que os pais, (2) filhos com pais separados etc.

Alguns dicionaristas apresentam, na estrutura do verbete *família*, exemplos para complementar a definição, tais como Ferreira (1989 e 2008), Biderman e Carvalho (2005), Borba (2008).

Considerando o público desses dicionários, observamos que, no exemplo de Ferreira (1989 e 2008), “A *família* de Carlos é pequena; tem *apenas* o pai, a mãe e um irmão”, o uso de um adjetivo *pequena* e do intensificador *apenas* acabam construindo um rótulo para o núcleo familiar formado por pai, mãe e irmão e levantando uma ideologia – família pequena *versus* família grande. Em Biderman e Carvalho (2005), o exemplo “a família se reuniu para comemorar a páscoa” pode acabar não dando representatividade a crianças que são órfãs ou cujos pais são separados. Borba (2008) acaba colocando em questão a temática do trabalho

infantil, proibido pela Constituição Federal, com o exemplo “Crianças podem ajudar suas famílias”.

Ao fazermos um estudo comparativo das edições de Ferreira (1989 e 2008), observamos que, mesmo com o intervalo considerável de 19 anos, e considerando o contexto sócio-histórico-cultural da edição mais atual, o verbete *família* não apresenta nenhuma mudança de acepções.

Observamos, também, poucas mudanças entre Mattos (1996 e 2011). A acepção principal do verbete *família* ficou mais restrita: “conjunto de pai, mãe e filhos *ligados pelo sangue comum*”, demarcando a relação de consanguinidade entre os membros de um mesmo grupo familiar. Outra modificação é a distinção entre família elementar “conjunto de pai, mãe e filhos (biológicos)” e família extensiva “conjunto de pessoas que se ligam pelo sangue comum ou pelo casamento”, é o caso de tios, primos, maridos e esposas, por exemplo. Mesmo com essas modificações, a quarta edição continua não contemplando as muitas possibilidades de família existentes.

Por fim, cabe dizer que o Aulete (2009) é o único dicionário que apresenta uma definição mais inclusiva, na acepção (2) “a sua família é também o grupo das pessoas que vivem na sua casa junto com você: os seus *pais* ou outros *adultos*

que cuidam de você, e seus irmãos ou outras crianças e adolescentes”. Isso se justifica, pois, acreditamos que o uso do masculino genérico (*pais*, no plural) é uma forma de não especificar se a criança mora com o núcleo familiar (pai e mãe), ou com duas mães ou dois pais, no caso das famílias homoparentais, ou se mora com apenas um deles, como é o caso das famílias monoparentais. Além disso, essa definição inclui a situação de crianças adotivas e das que vivem sob a tutela de avós ou outros familiares que não são seus pais.

O conceito de *mãe*

Listamos, no quadro 2, a seguir, as definições encontradas nas obras lexicográficas para o verbete *mãe* e, em seguida, procedemos à análise dessas definições:

Quadro 4: Acepções do verbete *mãe*

Dicionário:	Acepções:
Ferreira (1989)	Não registrado
Mattos (1996 e 2011)	(1) Mulher que teve filho. (2) Fêmea que teve filhote.
Mesquita, Lobato e Sandroni (2003)	Não registrado
Biderman e Carvalho (2005)	(1) Mãe é a mulher que teve ou que criou um ou mais filhos. Ex.: <i>A mãe amamentou o filho.</i> *família: mamãe, maternal, maternidade, materno.

Borba (2008)	(1) Mulher, em relação aos filhos. *A forma mamãe também é usada na linguagem familiar.
Ferreira (2008)	(1) Mulher ou qualquer fêmea que deu à luz um ou mais filhos. (2) Pessoa muito generosa.
Aulete (2009)	(1) A mãe de uma pessoa é a mulher que a carregou dentro da barriga nove meses e de quem ela nasceu. Ex.: <i>A mãe cria os filhos, cuida deles, até que eles fiquem adultos.</i> (2) A mulher que cria uma criança como se a tivesse carregado na barriga também é chamada de mãe.

Fonte: elaborado pelos autores.

Como pode ser observado, Mesquita, Lobato e Sandroni (2003) não apresentam um verbete com a definição da unidade lexical *mãe*. Embora Ferreira (1989) também não apresente, observamos o acréscimo em Ferreira (2008). Não houve atualizações desse verbete em Mattos (2011).

A figura representada por Mattos (1996 e 2011) e Ferreira (2008) é, somente, a da mãe biológica – aquela mulher que gera ou que dá a luz a uma criança – desconsiderando, portanto, a figura das mães adotivas. Além disso, Ferreira (2008), especificamente, apresenta, em sua acepção (2), um conceito generalizante de *mãe*, colocando a generosidade como uma característica comum a todas elas, ou, dando a entender que qualquer pessoa generosa poderia ser chamada de *mãe*.

A brevidade da definição de Borba (2008) deixa margem para a distinção entre mãe biológica e mãe adotiva.

Apesar de Aulete (2009) descrever, na acepção (1), a figura da mãe biológica (“a mãe de uma pessoa é a mulher que a *carregou dentro da barriga* nove meses, *de quem ela nasceu*”), na acepção (2), vemos uma tentativa de inclusão da figura das mães adotivas: “a *mulher que cria* uma criança *como se a tivesse carregado na barriga* também é chamada de mãe”. Entretanto, observamos que o dicionário acaba condicionando a experiência da maternidade à ideia de “carregar uma criança na barriga”. O exemplo apresentado pelo autor, “a mãe cria os filhos, cuida deles, até que eles fiquem adultos”, parece encaixar-se tanto no perfil da mãe biológica quanto da mãe adotiva.

A definição apresentada por Biderman e Carvalho (2005), “mãe é uma mulher que teve ou que criou um ou mais filhos”, é a que melhor representa as diferentes possibilidades do exercício da maternidade.

O conceito de *pai*

Listamos, no quadro 3, a seguir, as definições encontradas nas obras lexicográficas para o verbete *pai* e, em seguida, procedemos à análise dessas definições:

Quadro 5: Acepções do verbete *pai*

Dicionário:	Acepções:
Ferreira (1989)	(1) Homem ou qualquer outro animal macho que tem filhos: <i>Meu <u>pai</u> trabalha muito. O meu cachorrinho tem <u>pai</u> de uma raça e mãe de outra.</i>
Mattos (1996)	(1) Homem que tem filho. <i>Pai adotivo.</i> Homem que aceitou a função de pai de filho de outra pessoa.
MESQUITA, LOBATO e SANDRONI (2003)	Não registrado
Biderman e Carvalho (2005)	(1) *feminino: mãe 1. Pai é o homem, ou animal macho, que tem um ou mais filhos. <i>O <u>pai</u> ficou muito contente com o presente do filho.</i> *família: papai, paternal, paternidade, paterno.
Borba (2008)	(1) Homem que tem um ou mais filhos. 1. Forma feminina correspondente: mãe. 2. No plural, refere-se ao pai e à mãe. 3. A forma papai também é usada na linguagem familiar.
Ferreira (2008)	(1) Homem ou qualquer outro animal macho que tenha filhos: <i>Meu <u>pai</u> trabalha muito. O meu cachorrinho tem <u>pai</u> de uma raça e mãe de outra.</i>
Aulete (2009)	(1) O pai de uma pessoa é o homem que, junto com a mãe, fez essa pessoa existir e cuida dela até que ela fique adulta. (2) O homem que cria uma criança como se fosse o pai também é chamado de pai.
Mattos (2011)	(1) Homem que tem filho. <i>Pai adotivo.</i> Homem que aceitou a função de pai de filho de outra pessoa.

Fonte: elaborado pelos autores.

Comparando as acepções, podemos dizer que, de modo geral, esses dicionários ressaltam somente a figura do pai biológico, ou seja, do “homem que tem um ou mais filhos”; não abrangendo, dessa forma, a realidade dos consulentes, que, muito provavelmente, devem fazer parte de diversas formações familiares.

Biderman e Carvalho (2005), ao complementar o seu verbete com a expressão *pai de família*, em asterisco, acabam ainda restringindo o conceito de *pai* ao campo semântico da família nuclear.

Os únicos dicionários que tentam contemplar a figura do pai adotivo são Mattos (1996 e 2011), com uma subentrada específica, e Aulete (2009), na acepção (2), apesar de o enunciado definitório ser um pouco redundante: “o homem que cria uma criança como se fosse o pai, também é chamado de pai”.

A obra lexicográfica de Mesquita, Lobato e Sandroni (2003) não apresenta uma entrada para esse verbete.

O conceito de *irmão*

Dispomos, no quadro 4, a seguir, as acepções encontradas nos dicionários pesquisados para o verbete *irmão*. Em seguida, procedemos à análise.

Quadro 6: Acepções do verbete *irmão*

Dicionário:	Acepções:
Ferreira (1989)	(1) Filho do mesmo pai e da mesma mãe ou só do mesmo pai ou só da mesma mãe, em relação aos outros filhos.
Mattos (1996)	(1) Filho dos mesmos pais ou só de um deles, em relação a outro filho. Ex.: <i>O rapaz e a moça são irmãos por parte de pai.</i>
Mesquita, Lobato e Sandroni (2003)	Não registrado.
Biderman e Carvalho (2005)	Não registrado.
Borba (2008)	(1) Filho dos mesmos pais, ou do mesmo pai, ou da mesma mãe. (2) frade; religioso: <i>No mosteiro, os irmãos acordam muito cedo.</i> (3) que está nas mesmas condições; amigo: <i>Haverá reunião entre os países irmãos da América do Sul.</i>
Ferreira (2008)	(1) Filho do mesmo pai e da mesma mãe, ou só do mesmo pai ou só da mesma mãe, em relação aos outros filhos.
Aulete (2009)	(1) O irmão de uma pessoa é o filho dos mesmos pais que uma pessoa. Pode também ser filho só da mesma mãe ou só do mesmo pai.
Mattos (2011)	(1) Filho dos mesmos pais ou só de um deles, em relação a outro filho. Ex.: <i>O rapaz e a moça são irmãos por parte de pai.</i> (2) Membro de ordem ou congregação religiosa que não é padre. Ex.: <i>um irmão marista.</i>

Fonte: elaborado pelos autores.

Como observado, os dicionários de Biderman e Carvalho (2005) e Borba (2008) não registram o verbete *irmão*. As

demais obras lexicográficas apresentam definições analíticas que, a nosso ver, são confusas para o entendimento do público infanto-juvenil. Todavia, em todas temos a representação da figura do irmão biológico, sendo ele o ‘filho dos mesmos pais’ ou ‘o filho de só um dos pais’. Nenhuma das obras ressalta a figura do irmão adotivo.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8069/1990) acrescentou, por meio da Lei nº 13.010/2014, a disposição legal de que uma criança ou um adolescente tenha o direito de ser educados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los. Ao citar ‘família ampliada’, ainda que na boa tentativa de abarcar todas as pessoas envolvidas no processo de crescimento de uma pessoa, não especifica o que seria essa ampliação familiar.

Vale lembrar que, em 2015, a agência de publicidade NBS lançou com a equipe do Dicionário Houaiss, a campanha **#TodasAsFamílias**⁵. Trata-se de uma reação ao conceito de

5 Informações sobre a campanha podem ser obtidas nos jornais <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2016/04/campanha-incentiva-mudanca-do-significado-de-familia-no-dicionario.html>, <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/>

família contido no projeto de lei conhecido como “Estatuto da Família”, em trâmite pela Câmara dos Deputados, no mesmo ano. Segundo o estatuto, família é “o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 2015, Art. 2º, p. 1). A campanha recebeu mais de 3 mil sugestões e teve como consequência a atualização do verbete no dicionário, que apresenta hoje, como primeira acepção:

família

substantivo feminino

1 núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que ger. compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária e estável⁶.

A definição dicionarizada, com todas as contribuições, abrange diversas possibilidades de arranjos familiares. Acreditamos na relevância de um estatuto da família, como afirma o próprio projeto de lei, por ela funcionar como o primeiro grupo de convívio de um indivíduo, organizado a partir de um sistema social. Por outro lado,

[noticia/2016-05/campanha-recebe-mais-de-3-mil-sugestoes-sobre-novo-conceito-de_familia](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/04/12/interna_nacional,752415/todasasfamilias-campanha-pretende-mudar-a-definicao-de-familia-no-di.shtml), https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/04/12/interna_nacional,752415/todasasfamilias-campanha-pretende-mudar-a-definicao-de-familia-no-di.shtml. Acesso em: 05 jan. 2022.

6 A consulta pode ser realizada abertamente por meio do link: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#5. Acesso em: 20 jan. 2022.

a coerência do projeto se destrói ao tentar estabelecer o conceito de entidade familiar a partir do fortalecimento dos laços familiares somente com a união conjugal firmada entre o homem e a mulher. Desmerece toda a pluralidade social e cultural de organizações ao longo da história e as mudanças pelas quais essas organizações têm passado, como apresentamos neste trabalho.

Considerações finais

A análise discursiva das definições dos nomes de família, apresentadas pelas obras lexicográficas utilizadas como fonte para esta pesquisa, revela uma visão de mundo que acaba reforçando um modelo de família tradicional, formado pelo núcleo familiar (pai, mãe e filhos biológicos) ou por pessoas que compartilham algum grau de parentesco ou que vivem sob o mesmo teto. Dessa forma, os dicionários acabam excluindo outros modelos de família, tais como as homoparentais, monoparentais, adotivas, heteronormativas sem filhos etc.

Em termos cronológicos, a análise da definição dos verbetes *família*, *mãe*, *pai* e *irmão*, nos dicionários infantis, revela não só um apagamento da realidade plural das formações familiares no Brasil, mas também são um indício de que as obras lexicográficas sob investigação não

acompanharam certas mudanças sociais nos contextos familiares ocorridas nos últimos anos. Pouca ou nenhuma mudança, nas definições dessas unidades lexicais, foi feita ao longo dos anos ou das edições controladas.

Podemos dizer, dessa forma, que, os conceitos de família que esses dicionários trazem podem gerar certo desrespeito e constrangimento nos consulentes. Uma vez que a própria BNCC traz orientações acerca do trabalho com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade (BRASIL, 2017, p. 37), torna-se imprescindível que as definições dos verbetes, relacionados ao campo semântico ‘familiar’, abarquem essa pluralidade.

Observamos ainda que o dicionário de Mesquita, Lobato e Sandroni (2003), apesar de definir família como “grupo de pessoas que vivem na mesma casa, em geral parentes, especialmente o pai, a mãe e os filhos”, não apresenta uma entrada específica para os verbetes *pai*, *mãe* e *irmão*; contrariando o princípio defendido por Landau (2001) de que todas as unidades lexicais utilizadas na definição de um verbete devem ter entradas na própria obra lexicográfica.

Por fim, esperamos mostrar a importância de termos uma obra destinada ao público escolar adequada para esse mesmo público, incluindo sua realidade e tentando estar

mais próxima de seu cotidiano. Sabemos que é relativo o uso de definições oracionais, instanciativas, clássicas ou analíticas sobre os conceitos e não há um critério específico de qual escolha seria melhor, o que pretendemos investigar no futuro. Defendemos sempre que o importante, sobre qualquer produção, é olhar para quem vai acessar esse produto e tentar prever suas necessidades, para que seja condizente com a sua realidade a fim de evitar exclusões ou marginalizações, sobretudo quando estão envolvidas questões de cidadania, ética e direitos humanos. Ou seja, são questões que vão muito além do conhecimento de mundo do próprio lexicógrafo ou do elaborador de um projeto de lei, mas que pode contar com a contribuição de pessoas preocupadas e engajadas com essas pautas.

Referências

- ARÁN, M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Revista Estudos feministas*, v. 11, n.2, p. 399-422, 2003.
- AULETE, C. Meu primeiro dicionário: Caldas Aulete: com a Turma Cocoricó. São Paulo: Globo; Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2009.
- BIDERMAN, M. T. C. Dicionários do Português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa*, v. 47, n.1, p. 53-69, 2003.
- BIDERMAN, M. T. C.; CARVALHO, C. S. Meu primeiro livro de palavras: um dicionário ilustrado do português de A a Z. Ilustrações de Orlando Pedroso. São Paulo: Ática, 2005.
- BORBA, F. S. Dicionário palavrinha viva. Ilustrações Luiz Maia; colaboradores Beatriz Nunes de Oliveira Longo, Marina Botolotti,

Sebastião Expedito Ignácio. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 6.6583, de 16 de outubro de 2013. Dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula (Elaboração E. Rangel). Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2002.

BRASIL. Senado Federal. História da adoção no mundo. Brasília: Senado Federal, 2013. Disponível em: www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/adocao/contexto-da-adocao-no-brasil/historia-da-adocao-no-mundo.aspx. Acesso em: 18 ago. 2021.

FERREIRA, A. B. de H. Dicionário infantil ilustrado de língua portuguesa. Ilustrado por Ziraldo; assistentes Margarida do Anjos *et al.*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FERREIRA, A. B. de H. Dicionário infantil ilustrado de língua portuguesa. Coordenação Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos; ilustrações Andres Lieban. 2. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

KRIEGER, M. G. Políticas públicas e dicionários para escola: o Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. Cadernos de Tradução, v. 2, n. 18, p. 235-252, 2007.

LOBATO, C.; MESQUITA, M.; SANDRONI, L. Dicionário da Turma do Sítio do Picapau Amarelo. São Paulo: Globo, 2003.

MATTOS, G. Dicionário júnior de língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: FTD, 2011.

MATTOS, G. Dicionário júnior de língua portuguesa. São Paulo: FTD, 1996.

MIRANDA, F. B. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ALVES, I. M.; ISQUERDO, A. N. (org.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, p 261-272, 2007.

ORLANDI, E. *Lexicografia Discursiva*. São Paulo: Alfa, v. 44, p. 97-114, 2000.

PONTES, A. L. *Dicionário e leitura*. In: *Formação continuada de professores da rede pública – 2ª fase – Português*. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste/Fundação Demócrito Rocha/Governo do Estado do Ceará, p. 54-64, 2000.

PONTES, A. L.; SANTIAGO, M. S. *Crenças de professores sobre o papel do dicionário no ensino de língua portuguesa*. In: COSTA DOS SANTOS, F. J. (org.). *Letras plurais: crenças e metodologias do ensino de línguas*. Rio de Janeiro: CBJE, p. 105-123, 2009.

SAMARA, E.M. *O que mudou na família brasileira? (Da Colônia à atualidade)*. Psicologia USP, 2002.

SECO, M. *Problemas formales de la definición*. In: SECO, M. (org.). *Estudios de lexicografía española*. Madrid: Paraninfo, p. 15-45, 1987.

ZAVAGLIA, C.; NADIN, O. L. *Lexicografia Pedagógica*. *Domínios de Linguagem*, v. 12, n. 4, p. 1921-1933, 2019.

Geraldo José Rodrigues Liska

Doutor com Residência Pós-doutoral em Estudos Linguísticos (Bolsa PNPd/CAPEs) pela Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

Doutor com Residência Pós-doutoral em Estudos Linguísticos (Bolsa PNPd/CAPEs) pela Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

Universidade Federal de Alfenas.

Pesquisador do Grupo de Pesquisas PeTALA - Pesquisas Transdisciplinares e Acadêmicas em Linguística Aplicada, na Linha de Pesquisa Letramentos, Ensino de línguas, Tecnologias Digitais, Formação de professores, Transdisciplinaridade – UFU.

Pesquisador do Grupo de pesquisa “LABILEXTERM - Laboratório Bilíngue de Estudos Lexicais e Terminológicos” – UNILA. Pesquisador do Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas – UNIFAL-MG.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2504025439635833>

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-9027-5926>

E-mail: geraldo.liska@unifal-mg.edu.br

Jeander Cristian da Silva

Doutorando (2021-2025) em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (PosLin/UFMG).

Mestre (2019-2021) em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (PosLin/UFMG).

Professor assistente na Fale/UFMG.

Membro do Grupo de Estudos do Léxico e Narrativas da Amazônia Legal da Universidade Federal do Acre (GELNAL/UFAC) e membro-colaborador do O-Onoma (Observatório Onomástico).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5130269944999831>

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-3195-8137>

E-mail: jeandercristian@gmail.com

Raquel Oliveira Reis

Graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alfenas (2021), especialização em Educação Inclusiva com ênfase em deficiência intelectual, física e psicomot pela Faculdades Metropolitanas de São Paulo (2022).

Graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alfenas (2021), especialização em Educação Inclusiva com ênfase em deficiência intelectual, física e psicomot pela Faculdades Metropolitanas de São Paulo (2022).

Universidade Federal de Alfenas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8247231440637036>.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-8651-1893>

E-mail: raquelreis.oliveira@hotmail.com